

## SOBRE A CARACTERÍSTICA VERBAL<sup>118</sup>

G. W. Leibniz

Tradução de Hudson Canuto e William de Siqueira Piauí<sup>119</sup>

As palavras [*Vocabula*] são sinais [*signa*], ou de conceitos, como os substantivos, ou de modos de conceber, como as outras partes do discurso.

Os conceitos são considerados ou por si mesmos ou por acidente. Por si mesmos, “segundo as próprias qualidades [*formalitates*]<sup>120</sup>, como em humanidade, beleza, tridimensionalidade”, abstraindo a mente da matéria<sup>121</sup> metafísica ou do sujeito, e, portanto, também do tempo, do lugar e do caso<sup>122</sup>. Por acidente, no entanto, na medida em que se considera a conjunção de várias qualidades no mesmo sujeito, como ocorre, por exemplo, com a faculdade poética e a jurisprudência estarem presentes no mesmo sujeito [*in eodem subiecto*]. Por isso, foram criados nomes *abstratos*, como humanidade, calor [*humanitas, calor*]; e *concretos*, como homem, cálido [*homo, calidus*]<sup>123</sup>.

A característica [*Characterística*] pode carecer da distinção entre substantivos e adjetivos. Com efeito, entre “corpo” e “extenso” não há outra diferença, a não ser que “corpo”

<sup>118</sup> “Characteristica verbalis” ou “Das palavras ou vocábulos”. O texto original latino pode ser encontrado em Couturat (**Opuscles et fragments inédits de Leibniz**. Paris: Félix Alcan, 1903), p. 432-5; já existe uma versão atualizada dele em AA VI, 4, 333-337. Também consultamos a tradução de Letícia Cabañas que consta na OFC (G. W. Leibniz. **Obras filosóficas y científicas**, V. 5: Lengua universal, característica y lógica) Granada: Comares, 2013, p. 151-4. Data em que foi escrita: entre maio e junho de 1979 (?). Não seguiremos a divisão de parágrafos do original latino. O livro de Couturat pode ser baixado em: <https://archive.org/details/opusclesetfrag00coutgoog>

<sup>119</sup> Hudson Canuto é Professor do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (PPGF-UFS), e-mail [canutohudson@gmail.com](mailto:canutohudson@gmail.com). William de Siqueira Piauí é doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), licenciado em matemática pelo IME-USP/Unit, líder do grupo de pesquisa GEFILUFS, professor associado do Departamento de Filosofia da UFS (DFL-UFS) e membro permanente do PPGF-UFS, e-mail [piauiusp@gmail.com](mailto:piauiusp@gmail.com).

<sup>120</sup> Como veremos se repetir no **De analysi situs**, formalidade ou forma é o mesmo que qualidade, talvez uma lembrança que era esse o vocábulo utilizado pelos escolásticos para falar de qualidades. Aqui a questão se refere aos substantivos abstratos.

<sup>121</sup> No sentido de objeto, assunto, daí elemento ou matéria.

<sup>122</sup> Aqui Leibniz parece estar se referindo à qualidade das línguas flexionais, pela qual a função sintática é marcada por uma terminação específica dos substantivos e adjetivos: seu caso; não parece estar se referindo ao acaso ou fortuito. Isso é presente no latim, grego, alemão etc.

<sup>123</sup> Preferimos manter “cálido” a “quente”, tendo em vista a preservação do radical na formação dos substantivos abstratos. No capítulo VIII do livro III dos **Novos ensaios**, Leibniz voltará a esse assunto, ou seja, ao tema “Os termos abstratos e concretos”; tendo em vista a sua afirmação geral do realismo contra o nominalismo de Locke, isso deveria ter sido suficiente para Benson Mates desconfiar da força que colocou na interpretação antirrealista que fez daquele texto e do presente, se esquecendo inclusive da diferença entre ambos que é a divisão em abstratos reais e abstratos lógicos, para compreender melhor sobre o que estamos falando cf. o capítulo do livro de Mates “O nominalismo de Leibniz e a língua filosófica” in: **O Manguezal**, v.1, n. 17, jul. - dez. 2023, p. 184.

parece significar [*significar*] o sujeito [que é] extenso; algo que, no entanto, já está suficientemente contido na palavra “extenso”. Assim, o homem nada mais é do que um sujeito humano ou um sujeito de humanidade. As pessoas, no entanto, costumam criar nomes substantivos “que incluem o sujeito [ou elemento] [*subiectum includentia*]” para aquelas coisas que consideram mais relevantes, pois um conjunto de coisas extensas constitui, de várias maneiras, um agregado cujas partes possuem não apenas uma afinidade [*convenientiam*], mas também uma conexão [*connexionem*]; já a multidão de coisas cálidas está dispersa. De modo semelhante, todo o ouro no mundo é considerado como um todo (daí não dizermos “ouros”, mas “quantidade de ouro”, *de l’or, gold*). Assim também todos os homens são entendidos como formando um único conjunto, especialmente porque eles geram uns aos outros [*ex se invicem propagatio*].

Daí surge a questão de saber se as coisas diferem em espécie; pois os homens concebem, por assim dizer, sementes [*semina*] até mesmo nas coisas inanimadas, como nos metais. E especialmente os químicos tendem a essa visão, atribuindo todas as qualidades [*qualitatibus*], por assim dizer, a certos sujeitos [ou elementos] radicais [*subiecta radicalia*]<sup>124</sup>. Assim, acreditam que “as formas substanciais estão ocultas nas sementes”, como as cores em certos corantes, os odores nos sulfurosos, os sabores nos sais; assim como que as qualidades (evidentemente, com seus transmissores) podem ser extraídas de certos sujeitos [ou elementos] e [serem] infundidas em outros. Mas como essas ideias são menos certas, e como não está suficientemente claro o que as pessoas entendem quando indagam sobre a diferença específica<sup>125</sup>, por isso, por enquanto, negligenciaremos essas questões na característica, até que sejam mais claramente estabelecidas.

<sup>124</sup> Radical certamente no sentido de originário, raiz de algo; como em humano e em humanidade temos o mesmo radical, a mesma raiz, a mesma origem.

<sup>125</sup> É exatamente essa questão, mas em referência às figuras ou entes matemáticos, que Leibniz esclarece ao afirmar: “Existe uma certa ambiguidade no termo espécie ou ser espécie diferente [ou possuir uma diferença específica], que gera essas confusões. Se conseguirmos eliminar tal ambiguidade, não haverá nenhuma outra contestação a não ser quanto ao termo. Pode-se considerar a espécie sob o ponto de vista matemático e sob o ponto de vista físico. A rigor matemático, **a menor diferença (*différence*) que faz com que duas coisas não sejam semelhantes (*semblables*) em todo faz com que se diferencie em espécie**. Assim é que **na geometria todos os círculos são de uma mesma espécie**, pois são **todos perfeitamente semelhantes (*tous semblables parfaitement*)**, e pela mesma razão também todas as parábolas pertencem a uma mesma espécie,  **todavia, o mesmo não ocorre com as elipses e as hipérbolas, pois existe ali uma infinidade de espécies, embora haja também uma infinidade de cada espécie**. [...] Assim sendo, dois indivíduos físicos jamais serão perfeitamente semelhantes, e, o que é mais, o mesmo indivíduo passará de uma espécie à outra, pois jamais será em tudo semelhante a si mesmo depois de um instante”. (LEIBNIZ, 1984 (*Novos ensaios*, livro III, cap. VI, § 14), pp. 242-3, grifo nosso). Para a qual a resposta geral já tinha sido: “De resto, que os homens associem ou unam estas ou aquelas ideias ou não, e mesmo que a natureza as associe ou uma ou não, isto em nada afeta as essências, os gêneros ou as espécies, pois se trata de possibilidades que são independentes do nosso pensamento” (Idem [livro III, cap. III, § 14], p. 228). Que também faz lembrar o fato que um outro modo de lidar com tais ambiguidades será se valer do Método

A distinção entre nomes próprios e comuns [*própria et appellativa*]<sup>126</sup> pode ser negligenciada [na característica], pois não apenas os nomes de indivíduos têm origem em nomes comuns [ou apelativos], derivados de alguma distinção; mas também não importa para a questão se afirmamos que aquele de quem falamos é o único existente na natureza ou se existe em outro lugar alguém semelhante [*similem*] a ele.

Deve-se, ao invés disso, introduzir uma distinção diferente daquela dos nomes, [deve ser] semelhante a esta: que as coisas sejam nomeadas ou com base em certas características [*per notas*] extraídas de suas qualidades ou com base em algum sinal arbitrário [*signum arbitratum*] atribuído a elas. Nesse sentido, “quadrilátero” [*quadrilaterum*] será um nome comum e “*rhombus*” será um nome próprio da coisa à qual é atribuído<sup>127</sup>.

A distinção de gêneros – masculino, feminino, neutro – é completamente inútil<sup>128</sup> para o raciocínio e foi criada apenas para fins de comunicação, como rótulos a partir dos quais diferenciamos as pessoas.

Os modos de conceber são designados por *partículas*, que, “nas línguas que recebemos<sup>129</sup>”, ou formam uma palavra individualmente, ou se fundem com outras palavras

Combinatório para estabelecer as divisões possíveis de gêneros supremos em subgêneros, espécies e espécies mais baixas, cf. os textos **Dissertação sobre a arte combinatória** e **Sobre o método botânico**, que integram o presente número. É claro, portanto, que Leibniz não vai recusar a importância que a lógica escolástica atribuía à subalternação e divisão em gêneros e espécies, o que importa mesmo é estabelecer devidamente métodos combinatórios universais de descobrir tais divisões e subalternações.

<sup>126</sup> A noção de *apelativos* é muito importante para Leibniz quando se trata, dentre outras coisas, de rastrear as origens das línguas, como se pode ver nos na **De origine Francorum**, na **Brevis designatio** e início do livro III dos **Novos ensaios**, que em seu capítulo III problematizará a diferença entre termos gerais e nomes próprios; trata-se de tema discutido amplamente no nosso livro **Leibniz e a linguagem (I)** (Curitiba, Kotter, 2019), onde os textos mencionados se encontram traduzidos e anotados, cf. principalmente suas p. 44, 66 e 91. Ao que tudo indica, é a partir daqui que os elementos da disciplina Linguística histórica se diferenciarão dos de uma possível Língua filosófica, uma língua convencional e artificial.

<sup>127</sup> Na verdade, a tradução de *rhombus* por losango poderia fazer confundir o que Leibniz está propondo aqui, já que losango lembra a qualidade em “forma de lousa”, referência ao latim arcaico “*lausa*”; assim como “*quadrilaterus*” lembra as qualidades em “de quatro lados” ou em “forma de quadrado”; a ideia aqui parece ser o convencionar um nome independente das qualidades do referente, suas notas distintivas, daí que manter o próprio termo latino seja uma solução.

<sup>128</sup> No já mencionado cap. VII, “As partículas”, do livro III dos **Novos ensaios**, Leibniz se referirá à inutilidade dos gêneros, não mais para a Língua filosófica, mas para a Gramática filosófica (*la gramair philosophique*).

<sup>129</sup> “*In linguis receptis*”, nas línguas históricas, nos idiomas ou línguas naturais, aquelas que não foram criadas artificialmente e por convenção como Leibniz parece estar pretendendo para a sua língua filosófica. Cf. dentre outros, todo o início do livro III, mas especialmente o final do capítulo I e todo o capítulo VII, dos **Novos ensaios**, que diz respeito ao tema geral das partículas e tropos, **Leibniz e a linguagem (I)** (Curitiba, Kotter, 2019), p. 48, nota117.

como “afixos<sup>130</sup> e terminações”. Porém, na língua filosófica [*in lingua philosophica*]<sup>131</sup>, partículas, afixos e terminações não serão diferenciados, pois qualquer parte de uma palavra será uma palavra [*quia quaelibet pars vocabuli erit vocabulum*].

A partir das partículas e dos nomes surgem variações, a saber: casos e flexões. Considero partículas também os verbos auxiliares. Todos os verbos são formados a partir de nomes com alguma conexão de juízo, ou seja, de nomes combinados com o verbo “ser” [*est*].

Mas sigamos o fio das línguas que recebemos [*linguarum receptarum*]. Vamos investigar como tudo pode ser resolvido de forma mais conveniente. Começemos, porém, pelos casos dos nomes, que sempre podem ser resolvidos em preposições com o nominativo, como é evidente nos exemplos das línguas italiana, francesa e espanhola. As preposições são conexões de vários nomes<sup>132</sup>. As conjunções são conexões, “seja de nomes para formar um juízo ou uma proposição, seja de várias proposições para formar, a partir de várias, uma única proposição, ou para formar um discurso [*Orationem*]”, ou seja, um composto de proposições. O que é composto é um raciocínio ou um tratado.

Portanto, as preposições baseiam-se nas relações das coisas, que indicam o lugar, o tempo, lugar e tempo simultaneamente, bem como o lugar passado, o lugar futuro (o termo de origem e de destino [*a quo et ad quem*]), a causa (isto é, a causa eficiente e final), a matéria. A conveniência, a oposição, exceção, separação; permutação (ou seja, a mútua separação e adição), a união. Mas essas coisas precisam ser ordenadas de modo mais distinto<sup>133</sup>.

A relação entre uma coisa e outra é de conveniência ou conexão.

---

<sup>130</sup> Por *afixos* se entendem os *prefixos* e *sufixos*. Daqui para frente é preciso ter alguma compreensão sobre como funcionam línguas declináveis como o latim; línguas que além dos casos e desinências para flexionar verbos, como o português, o espanhol, o francês e o italiano, flexionam outras categorias de palavras como os substantivos e adjetivos.

<sup>131</sup> Eis o ponto central do presente texto, Benson Mates assim resume esse projeto de Leibniz: “Mas, de certa forma, o maior esquema de todos, que Leibniz aparentemente perseguiu desde o início de sua carreira até o fim, foi o de estabelecer uma Língua filosófica, uma linguagem artificial na qual a estrutura do pensamento humano seria perfeitamente representada – ou pelo menos mais perfeitamente representada do que por qualquer linguagem natural existente. Referências a esse projeto, muitas vezes acompanhadas de afirmações extravagantes sobre os grandes benefícios que dele adviriam, preenchem seus escritos; e, como vimos na seção anterior, muitos de seus textos filosóficos mais tentadores parecem ser notas ou partes de estudos preliminares direcionados à criação de tal linguagem. [...] Leibniz esperava obter duas vantagens principais da Língua Filosófica, embora também houvesse vários ‘benefícios marginais’ menos importantes. Em primeiro lugar, a linguagem tornaria possível a chamada Arte do Raciocínio (*Ars ratiocinandi* ou *Ars iudicandi*). Ao organizar a sintaxe de forma que todas as inferências válidas fossem formalmente válidas (isto é, de modo que todas as inferências da mesma forma fossem igualmente válidas), ele esperava estender o rigor da matemática ao raciocínio em geral”. Cf. **O manguezal**, v.1, n. 17, jul.–dez. 2023, p. 202-3.

<sup>132</sup> Não vimos sentido em manter o termo latino “*iudiciorum*”, preferimos seguir a sugestão de Letícia Cabañas.

<sup>133</sup> No sentido de serem organizadas mais precisamente.

*A relação de conveniência* é de semelhança ou dissemelhança [*vel similitudinis, vel dissimilitudinis*]<sup>134</sup>. A ela pertence a analogia ou a comparação das próprias semelhanças.

*A relação de conexão* é entre sujeito e complemento [*subiecti et adiuncti*], entre complemento e complemento, ou entre sujeito e sujeito. No entanto, é importante notar que um complemento pode ser novamente um sujeito, como o calor sendo sujeito da magnitude<sup>135</sup>.

A conexão entre sujeito e complemento [no latim] é expressa por *in*, como em *doctrina in homine est laudanda* [a doutrina no homem é louvável]. Não existe em latim um termo recíproco que expresse a relação do homem à doutrina, a menos que se diga *homo cum doctrina est laudandus* [o homem com doutrina é louvável]. Mas o vocábulo *cum* [com] geralmente denota uma conexão genérica, não especificamente esta sobre a qual estamos tratando.

É necessário verificar se duas qualidades podem ser, reciprocamente, sujeito e predicado [*subiectum et praedicatum*], como “a virtude da glória” e “a glória da virtude”; assim como frequentemente é enunciado por Lúlio<sup>136</sup>. Isso [dito] incidentalmente.

A conexão entre complemento e complemento também é expressa por *cum*, pois não temos uma preposição específica [para isso], como em “a glória com a virtude é eficaz”, na qual a glória e a virtude são um mesmo sujeito.

Pode-se prescindir dos [nomes] abstratos na linguagem filosófica, e, uma vez estabelecido isso, muitas coisas serão eliminadas. De fato, a abstração se estende ao infinito e se replica sobre si mesma<sup>137</sup>.

Contudo, deve-se considerar que no tratamento de proporções [*rationum*] e números talvez não seja possível, de forma conveniente, prescindir dos abstratos. Assim, será suficiente evitá-lo [, os abstratos,] tanto quanto possível. E, de fato, estou certo de que se a característica for devidamente constituída [*characteristica recte constituta*], podem ser completamente evitados. Na geometria e na aritmética, portanto, por linhas e números não entenderemos abstrações, mas coisas associadas a elas, como o círculo ser dourado, prateado ou de madeira;

---

<sup>134</sup> Eis o que será fundamental em disciplinas como a **Analysi situs**.

<sup>135</sup> Parece que o que Leibniz tem em mente são os dois tipos seguintes de proposições: “A mesa está quente”, ou “Em Atenas está calor” e “o calor está grande”, “o calor está cada vez maior” ou ainda, para evitar o *compendium loquendi* de Mates e explicitar a magnitude, “a mesa está duas vezes mais quente do que antes” e “o calor está duas vezes maior”. Cf. **O manguezal**, v.1, n. 17, jul. – dez. 2023, p. 191-2. Pensando nisso, e com Leticia Cabañas, traduzimos “*subiecti et adiuncti*” por sujeito e complemento.

<sup>136</sup> Leibniz se refere, e ele o lembra em muitos de seus escritos, ao filósofo catalão Raimundo Lúlio ou Lulo (c. 1232 – c.1316).

<sup>137</sup> Assim como anteriormente tínhamos o termo “*iudiciorum*” entre colchetes na versão de Couturat, aqui temos “*ut: caloreitas*”, ou seja, como caloridade.

número, isto é, múltiplas coisas, como o número ser quadrado, ou seja, [ser referir a] coisas dispostas de forma quadrada.